

OS BANCOS COMUNITÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO E A CIRCULAÇÃO DE MOEDAS SOCIAIS NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DE 2018

Simaia Santos Barreto¹
Marcus Fabrício Oliveira²
Laís Francine Nascimento de Jesus³

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a participação das finanças solidárias, com ênfase na atuação dos bancos comunitários de desenvolvimento (BCDs) e no uso das moedas sociais físicas e eletrônicas durante o Fórum Social Mundial 2018 (FSM 2018). A empiria observada expõe as fragilidades, as potencialidades e os desafios impostos ao campo das experiências locais de finanças e a sua interlocução para dentro e fora do movimento social do qual é integrante. Para tanto, visou-se abordar o contexto do FSM em Salvador, a inserção do movimento de economia solidária e, conseqüentemente, a articulação das finanças solidárias no processo de ocupação do “lugar de circulação de moedas tradicionais” no decorrer do evento. Enfatiza-se, também, as moedas sociais⁴ enquanto elementos práticos de articulação para a construção de espaços econômicos democratizados, viáveis e integradores do movimento da economia solidária.

A investigação ocorreu a partir da metodologia de observação participante, da consulta aos documentos elaborados no decorrer das reuniões preparatórias e das anotações diversas sobre a dinâmica de articulação das finanças solidárias no meio econômico do FSM.

Este artigo está dividido em três seções, sem contar com esta introdução. A seção 2 trata de uma breve discussão sobre o contexto do evento a partir da perspectiva histórica, tendo como ponto de chegada a realização do FSM em Salvador, no mês de março

1. Mestra em ciências sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), colaboradora da Incubadora de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Escola de Administração da UFBA, e colaboradora do Grupo de Trabalho (GT) de Finanças Solidárias da Bahia. *E-mail*: <simaia21@gmail.com>.

2. Mestre em planejamento territorial e desenvolvimento social pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Membro titular do Conselho Estadual de Economia Solidária da Bahia e colaborador do GT de Finanças Solidárias da Bahia. *E-mail*: <marcusfgoliveira@gmail.com>.

3. Graduada em administração pela UFBA e colaboradora da Incubadora de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Escola de Administração da UFBA. *E-mail*: <lais.francine29@gmail.com>.

4. As chamadas moedas sociais são criadas pelos associados de um clube de trocas ou por um BCD. Os primeiros caracterizam-se por se organizarem em torno da troca direta (sem o uso de moeda) ou indireta (usando moedas sociais) de bens e serviços de modo sistemático (Rigo, 2014).

de 2018, e seu diálogo direto com o movimento de economia solidária. Na seção 3, apresenta-se uma síntese do quadro geral das finanças solidárias no Brasil, com ênfase na organização e na disposição dos BCDs enquanto metodologia que utiliza moedas sociais. Cabe, neste momento, o detalhamento do processo de articulação dos BCDs com os/as participantes e organizadores/as do evento, tendo como objetivo a inserção das moedas sociais na Feira de Economia Solidária no FSM. Por fim, na seção 4 os autores expõem reflexões propositivas por meio da análise do uso das moedas sociais no evento e os pontos limitantes.

2 O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, AS RELAÇÕES COM O MOVIMENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUA REALIZAÇÃO EM SALVADOR⁵

O FSM é uma iniciativa da sociedade civil organizada. Trata-se de um encontro construído pelos sujeitos que compactuam com a construção de “Um outro mundo possível”.⁶ Surge como contraponto ao Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, na Suíça. À época, o FSM rebateu o discurso vigente do pensamento único neoliberal e denunciou a globalização econômica e financeira, surgindo, então, como símbolo da busca de um outro modelo de desenvolvimento para o planeta, socialmente justo e ambientalmente sustentável.⁷

O espaço constitui-se como um encontro democrático que procura incentivar os debates e o aprofundamento da reflexão coletiva, com formulação de propostas de enfrentamento, as trocas de experiências e a constituição de coalizões e de redes entre os movimentos sociais, as organizações baseadas em comunidades (OBCs), as organizações não governamentais (ONGs) e outras organizações da sociedade civil (OSCs) que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital.⁸ De modo geral, caracteriza-se pela pluralidade e pela diversidade, bem como por ser um espaço laico, não governamental e não partidário.

O FSM não é uma entidade jurídica nem uma organização.⁹ Ele se propõe a facilitar a articulação, de forma descentralizada e em rede, de entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, para a construção de um outro mundo mais justo e igualitário, embora não pretenda ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.¹⁰

5. O FSM foi realizado doze vezes, em nove países de três continentes (América, África e Ásia): quatro edições mundiais em Porto Alegre (Brasil) em 2001, 2002, 2003 e 2005; uma edição em Mumbai (Índia) em 2004; uma edição policêntrica (Venezuela, Paquistão e Mali); uma edição em Nairóbi (Quênia) em 2007; uma edição em Belém (Brasil) em 2009; uma edição em Dacar (Senegal) em 2011; duas edições em Túnis (Tunísia) em 2013 e 2015; e uma edição em Montreal (Canadá) em 2016. Destacam-se as edições mundiais que ocorreram em Dacar (Senegal) em 2011, e Túnis, capital da Tunísia e berço da Primavera Árabe, em 2013 e 2015.

6. Tema de referência do primeiro FSM realizado no Brasil em 2001. Realizado na cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul.

7. Apresentação... (2018).

8. *Ibidem*.

9. Projeto... (2018).

10. O FSM organiza-se propondo um encontro mundial a cada dois anos (a partir de 2007), sendo que, nos anos de intervalo, fóruns temáticos descentralizados e autônomos são fortemente encorajados, a fim de dar seguimento às articulações e às reflexões críticas nos diferentes países e regiões.

O Conselho Internacional (CI) tem sido o lugar coletivo de facilitação do FSM, fazendo com que esta articulação avance. O CI foi criado em 2001 em decorrência de um convite feito pelo Comitê Organizador Brasileiro, que se trata do grupo de oito organizações brasileiras¹¹ que organizou o primeiro FSM. Atualmente o CI congrega 120 redes e movimentos sociais do mundo inteiro, e busca manter-se conectado com a dinâmica dos movimentos sociais sem ser um corpo representativo de qualquer movimento social específico, como consta na carta de princípios.¹²

A cidade de Salvador/Bahia possui um histórico de resistência ao modelo hegemônico de interlocução direta com o FSM. Destaca-se, por exemplo, a participação das organizações e dos movimentos baianos na realização do 1º Fórum Social Baiano, em 2004, do 2º Fórum Social Nordestino, em 2007, e de um Fórum Mundial Temático, em 2010. Nos últimos anos, o Coletivo Baiano do FSM, formado atualmente por trinta organizações, movimentos e redes da sociedade civil baiana, participou de forma ativa das edições mundiais do FSM 2013 e 2015, em Túnis (Tunísia), e no FSM 2016, em Montreal (Canadá), além dos Fóruns Temáticos de Porto Alegre. Mantendo-se atuante, o Coletivo Baiano realizou em Salvador múltiplas atividades, locais, nacionais e internacionais, com destaque para dois seminários internacionais, um encontro de articulação da sociedade civil brasileira rumo ao FSM 2015 e uma reunião do CI, em outubro de 2015.¹³

O CI do FSM, na sua última reunião durante o Fórum Social das Resistências, em Porto Alegre, em janeiro de 2017, deu o aval ao Coletivo Baiano para analisar a possibilidade de realizar em Salvador, de forma articulada com movimentos sociais brasileiros, um evento de caráter mundial em março de 2018. A ideia de um evento mundial é o resultado de um processo de construção de três anos por parte do Coletivo Baiano do FSM, e foi incentivada por diversas organizações, movimentos e coletivos brasileiros e internacionais. Apesar das dificuldades operacionais, o FSM 2018, na cidade de Salvador, envolveu cerca de 50 mil participantes e proporcionou debates, rearticulações e novas proposições de reagrupamentos contra-hegemônicos do movimento altermundialista.

É nesse cenário delineado que o eixo das finanças solidárias busca inserção, dialogando diretamente como uma temática destacada na construção do FSM, denominado “democratização da economia”. Tal segmento aglutinou, de modo geral, todas as pautas do movimento de economia solidária e de outras economias que estão na construção da contra-hegemonia.

Historicamente, a economia solidária tem um papel preponderante nas edições do FSM, tanto no que se refere à organização da feira, que ocorre concomitantemente às atividades, quanto em momentos de discussões, articulações e proposições concretas de ações

11. Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (Cebrapaz), Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conam), Coordenação Nacional das Entidades Negras (Conen), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), Rede Mulher e Mídia e União Nacional dos Estudantes (UNE).

12. *Ibidem*.

13. Apresentação... (2018).

na perspectiva da construção de que um novo mundo é possível. Na construção do Grupo de Trabalho (GT) relacionado à economia solidária,¹⁴ havia o seguinte direcionamento:

aponta-se que a economia solidária será a economia do Fórum Social Mundial, partindo principalmente da produção, consumo e relações de trocas de bens e serviços circundantes durante os dias do FSM. Propõe-se que a economia solidária deverá ser elemento do fórum, estando na pauta das discussões mundiais e das lutas comuns dos povos (Projeto..., 2018).

Diante desse direcionamento, a construção da edição de 2018 do FSM adotou como orientação de incidência política uma perspectiva em que a economia solidária seria a Economia do FSM, tendo como lema “outra economia acontece”. Desse modo, a discussão no eixo temático¹⁵ “democratização da economia” foi alinhada em torno da “construção de uma nova economia, contra a financeirização da vida”. A conjuntura econômica e política do Brasil e do mundo incidiram diretamente na construção do debate, a partir da necessidade de se pensar paradigmas sociais com eixo no bem comum.

O movimento da economia solidária é composto por empreendimentos econômicos solidários (EES) diversos com características específicas no que tange à sua organização do trabalho, bem como nas relações comerciais estabelecidas. Laville e Gaiger (2009) apontam que a economia solidária é um conceito amplamente utilizado em vários continentes, com acepções variadas que giram ao redor da ideia de solidariedade, em contraste com o individualismo utilitarista que caracteriza o comportamento econômico predominante nas sociedades de mercado. Nessa perspectiva, alguns princípios são comuns às experiências circunscritas nesse campo, como identifica a carta de princípios do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES, 2003). Assim, são destacados princípios gerais, como a valorização da cooperação e da solidariedade; a valorização social do trabalho humano; a busca da qualidade de vida e do consumo; a unidade entre produção e reprodução etc.¹⁶

No Brasil, o FSM torna-se um marco da organização do movimento nacional de economia solidária, pois sua dinâmica de aglutinação de organizações sociais e pautas globais fomenta, a certa maneira, a criação e o funcionamento de múltiplas articulações. Assim, o FBES nasce em 2001 na ocorrência do Fórum de Porto Alegre (Silva, 2018). Esse espaço de articulação nacional ganha força, impulsiona e retroalimenta vários fóruns estaduais,¹⁷ de modo que pensar edições do FSM no Brasil é possibilitar ainda mais a participação do movimento de economia solidária nesse espaço. O ponto de contradição desse processo de construção é evidenciado no processo aqui descrito, pois as experiências

14. Projeto... (2018).

15. Os eixos temáticos do FSM 2018 são o resultado de um longo processo de diálogo no Coletivo Brasileiro e de várias consultas nacionais e internacionais. Têm como objetivo permitir que haja um processo de articulação de iniciativas comuns, bem como de estruturar o território social mundial. Os eixos temáticos do FSM 2018 estão em ordem alfabética e não têm qualquer hierarquia entre si: ancestralidade, terra e territorialidade; comunicação e mídias livres; culturas de resistências; democracias; democratização da economia; desenvolvimento, justiça social e ambiental; direito à cidade; direitos humanos; educação emancipatória e soberania dos povos; feminismos e luta das mulheres; LGBTQI+ e diversidade de gênero; lutas anticoloniais; migrações; mundo do trabalho; o futuro do FSM; um mundo sem racismo, intolerância e xenofobia; vidas negras importam; povos indígenas.

16. Diversos autores tratam de conceituar a economia solidária. Sugerimos Laville e Gaiger (2009), Singer (2002) etc., não cabendo aqui explorar conceitualmente o tema.

17. FBES ([s.d.]).

locais podem ser discutidas, exemplificadas, mas as práticas possuem dificuldades de execução. Cabe questionar: se pensamos soluções globais para a construção de um outro mundo possível, qual a razão das dificuldades de exercitamos algumas experiências em espaços ampliados?

Ter como pauta central a economia solidária seria uma forma concreta de construção de convergências táticas, considerando a capacidade de aglutinação de experiências de transição para a sociedade do bem viver, segundo próprio direcionamento do coletivo organizado. Então, no âmbito de um evento mundial, buscou-se a participação de movimentos sociais do campo e da cidade, as comunidades tradicionais, os povos originários e pensar naquilo que nos une, as lutas comuns e fazer as convergências para as incidências nesse mundo que nós queremos mudar.¹⁸

Pensar a economia solidária no FSM é imaginar as suas múltiplas dimensões inseridas no processo; assim, algumas propostas são colocadas para implementação do ponto de vista do movimento da economia solidária. A primeira é a ocorrência de feiras e circuitos de comercialização dos produtos oriundos da economia solidária, já que se entendia o espaço do FSM 2018 como lugar importante de visibilidade da produção dos EES do Brasil e do mundo. O circuito de feiras foi denominado O Mundo Solidário, tendo como prática central a implementação de uma feira mundial de economia solidária e agricultura familiar. Os locais de comercialização disponibilizados para os EES foram organizados de acordo com os segmentos – artesanato e trabalhos manuais; alimentos da agricultura familiar e orgânicos; produção e comercialização de alimentos; coreto/palco local das intervenções culturais; mesas e oficinas práticas – gerenciados pelos/as empreendedores/as solidários/as.

Na mesma linha de dispor os serviços oriundos das práticas do movimento de economia solidária viu-se a articulação para o oferecimento de hospedagem solidária e roteiros para vivência. Para tanto, foi feito levantamento de espaços na cidade que receberam caravanas de outros estados para estadia durante os dias do FSM. Além disso, EES, em uma perspectiva de trocas em experiências de economia solidária, articularam-se para oferecimento de serviços de estadia e práticas de vivências.

Essas propostas supramencionadas eram discutidas no GT que dialogava com o grupo facilitador.¹⁹ Esse fluxo contínuo de troca de informações validava as ações propostas ou não. Na medida em que os encaminhamentos eram decididos, as organizações, representantes das finanças solidárias, procuravam meios de inserção na dinâmica do evento para além de ações de formação e debates. A oportunidade de efetivar algo mais audacioso foi percebida a partir do momento em que mencionaram, em uma das reuniões, a possibilidade de colocar em circulação uma moeda social para ser operacionalizada nos circuitos de economia solidária. Essa ideia seria perfeita; no entanto, entraves no processo de comunicação e convencimento foram percebidos no processo, como expõe a próxima seção.

18. *Ibidem*.

19. Instância composta por representações de organizações do Coletivo Brasileiro e o Comitê Internacional do FSM.

3 AS FINANÇAS SOLIDÁRIAS NO BRASIL, SUA INSERÇÃO NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2018: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO, ENTRAVES E AVANÇOS

As finanças solidárias integram, de modo geral, o movimento de economia solidária, que é composto de EES,²⁰ entidades de apoio e fomento (EAFs)²¹ e outras estruturas organizativas que materializam o campo de estudo. Pode-se reconhecer temas do movimento que aglutinam organizações e pessoas a partir de cada temática, como comércio justo e solidário, consumo consciente, produção e organização do trabalho, formação para a economia solidária e finanças solidárias.

Silva (2017b), ao analisar os últimos resultados do mapeamento dos EES no Brasil, afirma que os empreendimentos de finanças solidárias atuam no sentido de propor sistemas alternativos de concessão de crédito para públicos residentes em áreas geralmente excluídas pelo sistema financeiro tradicional, como periferias urbanas e zonas rurais. Notadamente, vários autores convergem que os BCDs, os fundos rotativos solidários (FRS)²² e o cooperativismo de crédito solidário compõem o campo de estudo. Silva e Carneiro (2016), a partir dos dados do Sistema de Informação da Economia Solidária (Sies), identificam, no Brasil, 1,7% de experiências de finanças solidárias, um total de 328 experiências, entre as quais tem-se a identificação de 29 BCDs no mapeamento.

Cada experiência de finanças solidárias possui uma dinâmica e uma metodologia própria; contudo, este artigo enfatiza a atuação do eixo dos BCDs no decorrer do FSM. Atualmente existem mais de cem experiências dessa natureza no Brasil, como apontam Leal, Rigo e Andrade (2016). Os BCDs caracterizam-se por uma estrutura de gestão coletiva de atividades e recursos, oferecimento de linhas de crédito para consumo local e produção com juros baixos, visando à geração de renda, ao controle social na concessão e na cobrança do crédito, e à criação de instrumentos alternativos de incentivo ao consumo local, como a moeda social circulante local (Rigo, 2014). O eixo comum das experiências dos bancos é a ocorrência de moedas sociais próprias que são aceitas nos locais de atuação do banco. Elas são parte importante de um conjunto mais amplo de ações desses BCDs, que envolve a prestação de serviços bancários e financeiros, incluindo o acesso ao crédito, e uma série de ações na comunidade atreladas a um objetivo maior de desenvolvimento territorial (*ibidem*, p. 41).

No cenário delineado na seção anterior, para alguns bancos comunitários e entidades de apoio e fomento seria necessário utilizar o evento da natureza do FSM para visibilização de um dos elementos importantes da economia solidária, como as moedas sociais já existentes no Brasil, bem como demonstrar o enfrentamento às formas “tradicionais” de comercialização e circulação econômica, tendo em vista que as moedas sociais utilizadas reforçariam as práticas dos bancos comunitários que são elos centrais de desenvolvimento territorial sob a perspectiva da economia solidária.

De modo concreto, a participação das finanças solidárias durante o FSM 2018 partiu de dois movimentos coordenados: *i*) articulação para a circulação das moedas sociais

20. Ver Silva (2017a).

21. Ver Silva (2016).

22. Sobre os FRS no Brasil, ver Barreto (2016).

durante a feira mundial do FSM 2018; *ii*) construção de atividades autogestionárias²³ e integrativas com foco no eixo “democratização da economia”, a partir das experiências de finanças solidárias existente em Salvador.

Sobre a articulação das moedas, no primeiro momento, a ideia do CI era ter uma moeda criada especificamente para o evento. Em seguida, o grupo interlocutor das finanças sugeriu a utilização de moedas já existentes no Brasil a partir das práticas dos BCDs. Aliada à opção proposta pelo grupo, havia um precedente de utilização da moeda social eletrônica E-dinheiro durante o temático Fórum das Resistências ocorrido em Porto Alegre no ano de 2017. Nota-se a oportunidade de inserção das moedas sociais, mas era necessário que a comissão organizadora compreendesse a dinâmica. Mesmo com o número expressivo de experiências no Brasil, parte do movimento de economia solidária, apesar de saber dos BCDs, não conhece suas estratégias de ação. Logo, os GTs solicitaram o esclarecimento da proposta do segmento de finanças juntamente ao desenho de operação. O GT de Finanças Solidárias na apresentação argumentativa demonstrou que o Brasil possuía histórico de práticas com moedas sociais e elaborou um documento com o desenho da operacionalização do uso das moedas no FSM.²⁴

Importante salientar que a proposta ganhou força após identificar a utilização da moeda social digital Grão no Fórum das Resistências ocorrido em Porto Alegre, no ano de 2017. A experiência do Banco Grão, fomentado pela ONG Grio, demonstrou a possibilidade de os participantes da feira adquirirem as moedas no ato da inscrição do evento, já dispondo de um valor em Real que seria revertido em moeda social.²⁵ A articulação realizada entre a organização do evento e os representantes do banco permitiu deliberar que o banco oficial do evento seria o Banco Grão, e, conseqüentemente, sua moeda social seria o meio de troca circulante. Na experiência do Fórum das Resistências havia um comprometimento total da executiva e do GT organizador do evento com a construção de uma moeda única. Por isso, segundo relatório do banco, a estratégia utilizada foi dispor, no ato da inscrição, do valor de R\$ 6,00 em Grão para cada participante pagante do evento. Assim, cada inscrito teria um valor a ser gasto em moeda social durante o evento.

Para a representante do banco comunitário Grão, o desafio no Fórum das Resistências foi convencer e capacitar os comerciantes da feira a aceitarem a moeda digital,²⁶ já que,

23. Articulação das finanças solidárias na construção dos territórios de resistência: a proposta construída relacionou-se a uma atividade, em formato de roda de diálogo, acompanhada por trocas de vivências na Associação Santa Luzia, localizada no bairro do Uruguai. Compreenderiam, sobretudo, as vivências de BCDs, FRS e cooperativismo de crédito solidário, com enfoque maior nas duas primeiras metodologias, abrangendo dois aspectos: formato de visita técnica com perspectiva de vivência, vislumbrando a dinâmica do território, tendo como sujeitos primordiais os públicos de juventudes e mulheres; contribuição das finanças solidárias para a construção da sociedade do bem viver, com foco nas temáticas de território, articulação em rede, protagonismo juvenil e de gênero. A citada visita ocorreu no dia 15 de março de 2018. Ressalta-se que o escrito centraliza a análise na participação das moedas sociais no FSM 2018. Reunião das organizações que atuam com finanças solidárias, no dia 14 de março de 2018.

24. O documento foi apresentado na reunião de 06/02/2018 para a comissão organizadora na Bahia.

25. Segundo documento disponibilizado pelo Banco Grão, ele é uma iniciativa do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais e Matriz Africana (Fonsanpotma), baseado nos princípios do Sistema Nacional de Desenvolvimento Econômico e Finanças Solidárias, que visa oferecer serviços financeiros de forma associativa e comunitária voltada para o desenvolvimento e a autonomia dos povos tradicionais de matriz africana.

26. A representante do Banco Grão, Juliana Kitanji Goulart Nogueira, participou do processo de circulação das moedas no Fórum das Resistências, e também atuou ativamente na articulação da inserção das moedas sociais no FSM em Salvador, sendo a pessoa responsável pela circulação da moeda social digital E-dinheiro/Grão.

para a circulação acontecer, os comerciantes e os usuários deveriam se cadastrar no banco para receber as moedas sociais. Um balanço da ação foi realizado e identificou que foram cadastrados 390 usuários da moeda social eletrônica, sendo que os cadastros presenciais superaram os cadastros via internet. No total houve 390 cadastros de usuários para uso da moeda social em Porto Alegre.²⁷

O desenho descrito acima só seria possível no FSM se o setor responsável pela comunicação disponibilizasse, no *site* de inscrição do evento, a possibilidade de realizar a escolha da moeda social e o valor que cada inscrito teria em moedas para realizar consumo no evento. De modo geral, o funcionamento das moedas sociais no FSM foi pensado da seguinte maneira: no ato de inscrição presencial, cada participante escolheria o banco do qual gostaria de adquirir as moedas sociais e efetuaria o pagamento do valor desejado. Cada moeda social equivale ao valor correspondente ao Real. Posteriormente, ainda no ato da inscrição, o participante receberia um recibo constando o valor que adquiriu em moeda social. Na sequência, o/a participante efetuaria a troca do recibo pela moeda na “barraquinha do banco”.²⁸ Outra possibilidade era o participante já receber a moeda no ato da inscrição.²⁹ Além disso, os/as participantes do evento poderiam, a qualquer momento, adquirir mais moedas sociais durante o evento. A figura 1 ilustra como seria o processo de funcionamento da circulação de moedas no FSM.

FIGURA 1

Ilustração sobre uso das moedas sociais no FSM 2018



Fonte: Autores e articuladores do processo de inserção das moedas sociais no FSM 2018.

Nota do Editorial: imagem cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais disponibilizados pelos autores para publicação.

27. Informações retiradas do relatório do Banco Grão, com o balanço da ação no Fórum das Resistências, que foi disponibilizado pelo banco para ajudar no processo de convencimento da possibilidade de os bancos circularem suas moedas no FSM.

28. Estrutura construída na Feira de Economia Solidária durante o FSM, para que os bancos comunitários realizassem as operações de troca de moeda.

29. Essa possibilidade só seria viável se o setor de comunicação do evento inserisse no *site* a possibilidade de escolha de aquisição das moedas sociais, por meio de compra, no ato da inscrição. Isto porque não foi possível realizar a mesma estratégia do Fórum das Resistências, já que era necessário dialogar com o CI, o que não foi possível realizar a tempo.

Após contatar experiências integrantes da Rede Brasileira de Bancos Comunitários,³⁰ sete bancos comunitários demonstraram ter condições de liberar pessoas e cédulas das moedas para circular nos espaços do FSM.³¹ Uma das preocupações das comissões de organização era a capacidade de os bancos atenderem à demanda de consumo durante o evento, pois não poderia faltar moedas sob pena de constranger a comercialização. Uma das opções do grupo articulador da ação foi proposta por representantes do Banco Grão, que poderia repetir a experiência do Fórum das Resistências em 2017, e responsabilizar-se pela circulação da moeda digital E-dinheiro/Grão.³² Atualmente, essa é a opção de moeda digital disponível para os bancos comunitários da Rede Brasileira de Bancos. Dessa forma, os BCDs dispostos a atuar no evento foram os descritos no quadro 1.

QUADRO 1

Relação de moedas sociais utilizadas no FSM 2018

Bancos comunitários	Estados	Nome da moeda social
Banco Quilombola do Iguape	Bahia	Sururu
Banco Grão	Rio Grande do Sul	Grão (E-dinheiro)
Banco Ilhamar	Bahia	Concha
Banco Lagoa de Dentro	Paraíba	Tintim
Banco Nascente	São Paulo	Vida
Banco Rede Opala	Piauí	Opala
Banco Santa Luzia	Bahia	Umoja

Elaboração dos autores.

Das moedas listadas acima, seis constituem moedas físicas, ou seja, haveria um quantitativo das cédulas de cada banco disponíveis para circulação. Caberia, ao final de cada dia, aos bancos participantes fazerem o controle das suas moedas recebidas pelos empreendimentos. Para melhorar esse controle foi definido que duas moedas circulariam em setores diferentes do FSM. Por exemplo: as moedas Umoja e Concha circulariam na praça de alimentação; as moedas Tintim e Grão circulariam no circuito de artesanato. Importante destacar que a utilização das moedas sociais não seria obrigatória e exclusiva, podendo o participante utilizar o Real nos espaços do FSM.³³ Também haveria um local de socialização das experiências de moedas sociais de todo o mundo com a troca dessas moedas sociais. O quantitativo de disposição das moedas sociais, por banco comunitário, que poderia circular no evento, está distribuído na tabela 1.

30. A Rede Brasileira foi formalizada em 2015 no Encontro Nacional de Bancos Comunitários de Desenvolvimento, ocorrido em Fortaleza. O encontro reuniu bancos das diversas regiões do país e tratou de criar a estrutura da organização da rede.

31. As pessoas liberadas estariam disponíveis para ficar responsáveis pelas trocas de moedas e também oferecer informações ao público.

32. A moeda digital E-dinheiro foi criada a partir da iniciativa do Banco Palmas, em conjunto com a Rede Brasileira de Bancos Comunitários. Trata-se de uma moeda eletrônica disponível para os bancos integrantes da rede por meio de um aplicativo de celular que disponibiliza outros serviços, como recarga de celular, compra de mercadorias nos comércios cadastrados etc. Para mais informações, consultar o *site* do Banco Palmas.

33. Essa alternativa viabilizava a inserção das moedas, já que não havia tempo para articulação e convencimento de colocar as moedas sociais como meio circulante exclusivo no FSM.

TABELA 1

Distribuição de cédulas disponíveis para utilização no FSM

Bancos	Moeda	Quantidade de moedas por cédula					Total	Total (R\$)
		R\$ 0,50	R\$ 1,00	R\$ 2,00	R\$ 5,00	R\$ 10,00		
Rede Opala	Opala	1.000	0	100	500	1.000	2.600	13.200,00
Santa Luzia	Umoja	250	0	1.500	1.500	1.500	4.750	25.625,00
Lagoa de Dentro	Timtim	1.000	1.000	1.000	1.000	1.000	5.000	18.500,00
Ilhamar	Concha	300	300	300	300	300	1.500	5.550,00
Nascente	Vida	600	600	600	600	600	3.000	11.100,00
Grão	E-dinheiro	Sem limites						Sem limites
BSQI	Sururu	500	500	500	500	500	2.500	9.250,00
Total de moedas por cédula		3.150	1.900	3.500	3.900	4.400	16.850	73.975,00

Elaboração dos autores.

A tabela 1 foi instrumento de convencimento importante, já que, no evento de envergadura mundial, a comercialização é inevitável, principalmente do ponto de vista da circulação econômica no processo de compra e venda de alimentos. Vê-se que haveria a disposição de circulação do valor total em moedas sociais de R\$ 73.975,00, ao passo que não haveria limites de circulação para moeda social digital. Esse era um elemento estratégico: demonstrar que não haveria entraves na comercialização por falta de moedas. Ainda assim, a articulação só conseguiu inserir-se no circuito restrito aos empreendimentos da Feira de Economia Solidária.

Assim, a ação dos bancos comunitários nas dependências da feira mundial para viabilizar o processo de circulação das moedas sociais consistiu no trabalho de sensibilização dos empreendimentos, para aceitação das moedas sociais na comercialização de seus produtos, e mobilização do público do evento, incentivando-os a realizar a troca do Real por uma das moedas sociais circulantes e a adquirir os produtos dos empreendimentos utilizando as moedas sociais. Mesmo com a atuação dos bancos comunitários no sentido de formar e conscientizar o público sobre a utilização das moedas na feira, a fim de incentivar a comercialização dos empreendimentos e potencializar a economia naquele local, nenhuma moeda social física proveniente das trocas no espaço dos bancos comunitários foi utilizada na aquisição de produtos dos empreendimentos da feira. Com isso, não se conseguiu realizar a efetiva circulação das moedas sociais físicas no evento.

O resultado concreto foi o envolvimento de 25 empreendimentos que aceitaram participar do circuito de operacionalização das moedas sociais na feira. Os participantes do evento realizaram trocas do Real por 143 cédulas de moedas sociais físicas.³⁴ Em contraponto, as únicas comercializações feitas com as moedas sociais na feira mundial aconteceram com a moeda social eletrônica Grão, sendo que o público não precisou ir ao espaço dos bancos para trocar o Real pelo saldo em Grãos na plataforma

34. É muito comum as pessoas trocarem o Real pela cédula de moeda social para levar como lembrança ou como item de coleção.

do E-dinheiro, pois já tinha saldos disponíveis na plataforma para serem utilizados e que, possivelmente, foram provenientes de trocas anteriores em territórios em que os bancos comunitários atuam, demonstrando o grande potencial da inserção tecnológica das moedas sociais no Brasil no processo de democratização da economia, extrapolando os limites dos próprios territórios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de inserir moedas sociais a um grupo de EES durante um evento internacional, cabe um processo de formação anterior ao evento para os envolvidos na experiência. Contudo, não foi possível realizar esta formação, pois a lista dos empreendimentos participantes foi disponibilizada dias antes do evento, o que dificultou a compreensão das pessoas envolvidas quanto à dinâmica de circulação das moedas sociais. Neste processo ficou evidente que o modo de ação dos BCDs não é tão disseminado dentro do próprio movimento. Além disso, parte dos empreendimentos participantes não era vinculada a fóruns ou redes locais de economia solidária. Este cenário acarretou um maior esforço da equipe de bancos no processo de sensibilização durante os dias do evento e a baixa adesão dos empreendimentos.

Entre outras dificuldades encontradas no processo de articulação, destaca-se a dinâmica de construção do FSM, com múltiplas atividades e poucos sujeitos nos processos de coordenação e articulação, o que contribuiu para ruídos na comunicação. Isso repercutiu na ausência de adensamento das moedas sociais nos processos de comercialização durante a feira mundial. Na avaliação da representante do Banco Grão, a experiência demonstrou o empenho de algumas iniciativas de BCDs, constituindo uma ação não vinculada diretamente à Rede Brasileira de Bancos Comunitários. Talvez, se houvesse uma articulação nacional com a rede de bancos comunitários e uma proposta de ação coletiva no FSM, o resultado poderia ser mais ampliado, pois a rede poderia ter colocado todo seu aval político nacional e internacional no processo de diálogo com as comissões de organização nacional e internacional do FSM.

Por outro lado, o espaço dos bancos comunitários na feira mundial transformou-se em um local de formação do público interessado na metodologia de bancos comunitários e moedas sociais, bem como intercâmbio com outras experiências comunitárias de diversos estados brasileiros e ao redor do mundo que tem como cerne o fomento à economia local, tendo ou não as moedas sociais como instrumentos, o que denota a necessidade e a importância dos processos formativos sempre presentes nos espaços de economia solidária. Por fim, se o movimento está construindo uma outra economia possível, é dever apresentar e ocupar os lugares da economia capitalista em todas as dimensões, não só na produção e na circulação de mercadorias. Contudo, também devemos pensar no modo como se realiza o processo econômico e como oferecemos serviços de crédito e poupança, daí a importância das metodologias dispostas e a serviço da economia solidária, como os BCDs, os FRS e o cooperativismo de crédito solidário que compõem o campo das finanças solidárias.

REFERÊNCIAS

- APRESENTAÇÃO do FSM e da proposta de um evento mundial do FSM em 2018. *In*: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2018 (FSM 2018), Salvador, 2018. **Anais...** Salvador: Coletivo Baiano do FSM, 2018.
- BARRETO, Simaia Santos. Os fundos rotativos solidários no Brasil: uma perspectiva a partir do mapeamento dos fundos de 2011-2012. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 60, p. 101-108, 2016.
- FBES – FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Carta de princípios do FBES**. Brasília: FBES, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/585hWA>>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- _____. **Linha do tempo FBES**. Brasília: FBES, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/J48YJe>>. Acesso em: 26 ago. 2018.
- LAVILLE, Jean L.; GAIGER, Luis Inácio. Economia solidária. *In*: HESPANHA, Pedro. (Org.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: CES, 2009.
- LEAL, Leonardo Prates; RIGO, Ariádne Scalfoni; ANDRADE, Richard. Finanças solidárias com base em bancos comunitários de desenvolvimento: explorando os dados do diagnóstico no Nordeste do Brasil. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 60, p. 77-85, 2016.
- PROJETO Mundo Solidário. *In*: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2018 (FSM 2018), Salvador, 2018. **Anais...** Salvador: Coletivo de Economia Solidária e Agricultura Familiar do FSM, 2018.
- RIGO, Ariádne Scalfoni. **Moedas sociais e bancos comunitários no Brasil**: aplicações e implicações, teóricas e práticas. 2014. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. p. 29-42.
- SILVA, Sandro Pereira. Entidades de apoio e fomento à economia solidária no Brasil: uma análise exploratória. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 61, p. 107-116, 2016.
- _____. **Análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos de economia solidária no Brasil**. Brasília: Ipea, 2017a. (Texto para Discussão, n. 2271).
- _____. **Economia solidária e finanças de proximidade**: realidade social e principais características dos empreendimentos de finanças solidárias no Brasil. Brasília: Ipea, 2017b. (Texto para Discussão, n. 2270).
- _____. **Laços na diversidade**: análise da trajetória de construção do movimento social de economia solidária no Brasil. Brasília: Ipea, 2018. (Texto para Discussão, n. 2367).
- SILVA, Sandro Pereira; CARNEIRO, Leandro Marcondes. Análise das informações do mapeamento de economia solidária para empreendimentos de finanças solidárias. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 60, p. 87-99, 2016.
- SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2002.